

Dizeres de estudantes surdos e de uma professora ouvinte sobre o atendimento educacional especializado para surdos

Deaf students and teacher sayings about specialized educational assistance for the deaf

Fernando Rodrigues Tavares

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Campina Grande- Paraíba-Brasil

Zoraide Santos Vieira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Itapetinga-Bahia-Brasil

Resumo

O Atendimento Educacional Especializado é um serviço da Educação Especial complementar à escolarização de pessoas com deficiência, um suporte ao desenvolvimento da aprendizagem desses alunos. Para pessoas surdas, o atendimento é organizado em momentos didático-pedagógicos: atendimento especializado em Libras, para o ensino de libras e para o ensino de língua portuguesa. A pesquisa objetivou caracterizar o atendimento educacional especializado para estudantes surdos desenvolvido na sala de recursos multifuncionais em uma escola pública na cidade de Itambé, PE. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, que utilizou entrevista na coleta de dados. Resultados apontaram que o Atendimento Educacional Especializado para estudantes surdos é realizado na escola pesquisada através de metodologias e atividades que buscam atender os referidos estudantes. São desenvolvidas nos atendimentos atividades de Língua Portuguesa, matemática e Libras, além da utilização de imagens, como também a tecnologia através do aplicativo do *whatsapp* para trabalhar conteúdos e interações. Por outro lado, os achados da presente pesquisa apontaram que é preciso aprofundar o ensino e a aprendizagem da Libras no Atendimento Especializado, atendendo aos dois momentos didático-pedagógicos: para o ensino de Libras e em Libras.

Palavras-chaves: Atendimento Educacional Especializado; Estudantes surdos; Professora.

Abstract

Specialized Educational Assistance is a Special Education service complementary to the schooling of people with disabilities, a support for the development of these students' learning. For deaf people, the service is organized in didactic-pedagogical moments: specialized service in Libras, for the teaching of pounds and for the teaching of the Portuguese language. The research aimed to characterize the specialized educational assistance for deaf students developed in the multifunctional resource room at one in a public school in the city of Itambé, PE. This is a qualitative, descriptive study that used an interview to collect data. Results pointed out that the ESA for deaf students is carried out in the researched school through methodologies and activities that seek to serve these students. The Portuguese language, mathematics and Libras activities are developed in attendance, in addition to the use of images, as well as technology through the *whatsapp* application to work on content and interactions. On the other hand, the findings of the present research point out that it is necessary to deepen the teaching and learning of Libras in the ESA, given the two didactic-pedagogical moments: the ESA for the teaching of Libras and the ESA in Libras.

Keywords: Specialized Educational Service; Deaf students; Teacher.

Dizeres de estudantes surdos e professora sobre o atendimento educacional especializado para surdos

1. Introdução

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é uma ação que foi criada com o surgimento da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva, no ano de 2008, tendo como objetivo elaborar recursos pedagógicos que auxiliem na aprendizagem de alunos com deficiências. De acordo com as Diretrizes Operacionais para o AEE (BRASIL, 2009), este é ofertado no contraturno escolar como forma de complementar a escolarização, fortalecer o processo ensino-aprendizagem, tentando minimizar e/ou eliminar barreiras existentes no âmbito escolar. Para tanto, a atuação dos profissionais para este serviço deve ocorrer através de professores que tenham formação inicial que os habilite para a docência e específica em educação especial, podendo ser continuada ou inicial.

O AEE abrange todos os níveis e modalidades de ensino, e sua organização precisa acontecer de forma a contemplar os estudantes com deficiência em suas particularidades. Portanto, o professor fará um plano de atendimento para cada aluno ou grupo de alunos, quando assim for necessário. O atendimento aos estudantes na sala de recursos multifuncionais é realizado no contra turno, sendo o espaço do AEE organizado na mesma escola regular que o aluno estuda, em outras escolas que já tenha o AEE, no centro de Atendimento Educacional Especializado ou em centros sociais. (BRASIL, 2009).

Nesse pressuposto, a Constituição Federal – CF, (BRASIL, 1988) em seu artigo 208, afirma que o dever do Estado com educação será efetivado, entre outras, através da garantia de Atendimento Educacional Especializado aos alunos com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. Nesse entendimento, o Estado tem o dever de garantir uma educação de qualidade para todos, e a CF de 1988 vem apresentar a importância deste atendimento.

O AEE tem um papel importante para o acesso do estudante no ensino regular, dando suporte para o processo de ensino e aprendizagem, como também promovendo a “quebra das barreiras” que dificultam a aprendizagem dos estudantes através de recursos didáticos e pedagógicos.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva (BRASIL, 2008), o AEE para surdos tem a finalidade de encontrar soluções que os ajudem no desenvolvimento global, com metodologias que venham suplementar a carência do

estudante em termo da aquisição da língua de sinais como língua materna e a língua portuguesa como segunda língua.

Nesse contexto, para o desenvolvimento deste estudo apresentamos a seguinte questão de pesquisa: como é desenvolvido o atendimento educacional especializado para estudantes surdos na sala de recursos multifuncionais de uma escola pública? Para dar sustento a questão de investigação, apresentamos como objetivo da pesquisa: caracterizar o atendimento educacional especializado para estudantes surdos desenvolvido na sala de recursos multifuncionais de uma escola pública.

Por fim, quanto à estrutura do presente artigo apresentaremos primeiramente o Atendimento Educacional Especializado com alunos surdos, os caminhos metodológicos trilhados para o desenvolvimento da pesquisa e na sequência a análise e discussão dos dados.

2. O Atendimento Educacional Especializado com alunos surdos

No transcorrer da história, a comunidade surda vivenciou lutas sociais e políticas intensas que serviram como arcabouço para base legal da Língua Brasileira de Sinais, regulamentada pela lei 10.436/2002.

Almeida *et al* (2015, p. 33) relata a importância das lutas travadas pela comunidade surda: “Após muitas lutas contra um processo educacional totalmente excludente, os surdos se posicionam e afirmam seu direito a uma educação propositiva de surdos para surdos”. No Brasil, após o reconhecimento da Libras como língua natural oriunda da comunidade surda por meio da Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, (BRASIL,2002) e regulamentada por meio do Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005, (BRASIL, 2005) percebemos os caminhos trilhados para efetivação de uma educação que respeite as singularidades da comunidade surda.

Foi um marco histórico para os surdos a regulamentação, em lei, da Libras, visto que o que antes era encarado como mímicas, gestos com conotação pouco séria passou a ter *status* legal no Brasil. Vale ressaltar que, apesar das vitórias, ainda existem muitos conflitos quando a temática é inclusão. Vemos a escola ainda como um espaço que precisa de uma reestruturação para que as diferenças convivam e tenham respeito entre si.

O atendimento do discente surdo no AEE, na perspectiva de inclusão como meio social, deverá ser continuamente dentro da sala de recursos multifuncionais ou em centros de

Dizeres de estudantes surdos e professora sobre o atendimento educacional especializado para surdos

atendimentos. Nessa perspectiva, o AEE busca proporcionar aos discentes surdos subsídios para a aprendizagem da Libras. Para tanto, é necessário que o professor desenvolva habilidades de comunicação em Libras com o discente surdo no AEE. Segundo Alves, Damázio e Ferreira¹ (2010, p. 17):

[...] o professor de Libras deve planejar o ensino dessa língua a partir dos diversos aspectos que envolvem sua aprendizagem, como: referências visuais, anotação em língua portuguesa, datilografia (alfabeto manual), parâmetros primários e secundários, classificadores e sinais. Para atuar no ensino de Libras, o professor do AEE precisa ter conhecimento estrutura e fluência na Libras, desenvolver os conceitos em Libras de forma vivencial e elaborar recursos didáticos.

Os autores Alves, Damázio e Ferreira (2010) apresentam que, para o discente surdo ter um aproveitamento no desenvolvimento linguístico da língua de sinais, é preciso ter acompanhamento de um profissional do AEE fluente em Libras. Assim sendo, a formação dos profissionais e os materiais didáticos específicos são indispensáveis para que ocorra uma aprendizagem adequada do discente surdo, pois a formação dará base para a prática no contexto da educação especial e os equipamentos atenderão às especificidades dos estudantes, propiciando uma aprendizagem que tenha significado para estes discentes.

É preciso destacar que, através da regulamentação do Decreto 6.626 de 5 de dezembro de 2005, as diferenças dos discentes surdos começaram a ser respeitadas, garantindo uma educação com o foco na sua formação bilíngue, deixando constituídas a língua portuguesa e a Libras como instrução no processo educacional dos surdos.

O Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras é instituído como um dos momentos didático- pedagógicos existentes para os discentes participantes na sala regular. Este atendimento, segundo Damázio (2007), tem que acontecer frequentemente. A estruturação da didática é estabelecida através de atividades visuais e com muitas imagens, constituindo uma forma facilitadora para o discente surdo compreender os conteúdos abordados.

Damázio (2007) deixa claro que o docente do AEE precisa ter na sala materiais a serem trabalhados com os discentes surdos e que, antes de acontecer o atendimento, o docente precisa elaborar um planejamento da aula e organizar sua metodologia em conformidade com a temática a ser trabalhada, deixando no ambiente de trabalho materiais que possam ser usados para desenvolver a atividade com o discente surdo. Nas palavras de Damázio (2007, p.29):

O Atendimento Educacional Especializado em Libras fornece a base conceitual dessa língua e do conteúdo curricular estudado na sala de aula comum, o que favorece ao aluno com surdez a compreensão desse conteúdo. Nesse atendimento há explicações das ideias essenciais dos conteúdos estudados em sala de aula comum. Os professores utilizam imagens visuais e quando o conceito é muito abstrato recorrem a outros recursos, como o teatro, por exemplo. Os recursos didáticos utilizados na sala de aula comum para a compreensão dos conteúdos curriculares são também utilizados no Atendimento Educacional Especializado em Libras.

No tocante à escola comum, é preciso que o profissional seja habilitado para desenvolver seu papel de mediador e ter um amplo conhecimento e domínio da língua de sinais para que realize estes atendimentos com os discentes surdos (DAMÁZIO, 2007). Este profissional em língua de sinais proporciona na aula uma comunicação ativa nas diversas modalidades, níveis e etapas de ensino.

O planejamento pertencente ao AEE em Libras é realizado pelo docente especializado em Libras com participação do docente da turma regular e os docentes de língua portuguesa, desenvolvendo o trabalho na formação do discente para que ele amplie a sua autonomia. Nesse sentido, acredita-se que o AEE, quando executado em conformidade com as recomendações legais e dos especialistas, será capaz de deixar o discente com vontade de aprender e buscar mais conhecimentos sobre cada temática que o docente aborda. Convém frisar que todos os trabalhos realizados pelo docente no AEE devem ser registrados, como forma de acompanhar o avanço de cada discente, tanto no aspecto social quanto no cognitivo.

Já o AEE para o ensino da Língua Portuguesa é considerado um dos momentos didático-pedagógicos do campo da surdez, que intercorre na Sala de Recursos Multifuncionais - SRM. O atendimento, assim como no momento didático pedagógico anterior, deve acontecer em “período oposto da sala regular e tem que ser cotidianamente, com o foco principal de satisfazer as especificidades da língua portuguesa” (ALVES; DAMÁZIO; FERREIRA, 2010, p. 17).

Nesse sentido, é preciso ter um professor na SRM que tenha preferencialmente sua formação em Letras/Português e que tenha conhecimento dos contextos teóricos e linguísticos da língua portuguesa e da Libras. Sendo necessário, o professor poderá chamar o intérprete de Libras da sala regular para ajudar neste momento didático-pedagógico. Nesse viés de fundamentação, Alves, Damázio e Ferreira (2010, p. 18) dizem que:

Dizeres de estudantes surdos e professora sobre o atendimento educacional especializado para surdos

A proposta didático-pedagógica para se ensinar português escrito para os alunos com surdez orienta-se pela concepção bilíngue - Libras e Português escrito, como línguas de instrução destes alunos. A escola constitui o lócus da aprendizagem formal da língua Portuguesa na modalidade escrita, em seus vários níveis de desenvolvimento. Na educação bilíngue, os alunos e professores utilizam as duas línguas em diversas situações do cotidiano e das práticas discursivas.

Quando falamos no docente do AEE para o ensino de língua portuguesa, é preciso ter em consideração a sua metodologia para o desenvolvimento e aprendizagem da escrita e leitura dos discentes surdos, organizando e planejando a aula para o melhor entendimento e avanço no processo educacional do discente surdo.

A finalidade do AEE para o ensino de língua portuguesa é expandir a competência textual e linguística dos discentes surdos para que eles consigam ter uma eficácia na compreensão da leitura e escrita. Contudo, para que isso aconteça, é preciso uma sequência de atividades direcionadas à temática da escrita e da leitura de textos, sendo estes textos inicialmente pequenos, como, por exemplo, histórias em quadrinhos e construção de texto através de algumas imagens recortadas. Depois de percebido o avanço tanto na leitura quanto na escrita, a metodologia deve mudar acompanhando o desenvolvimento cognitivo do discente. É importante ressaltar que não existe uma metodologia estática, ela é adaptada à realidade e aos tempos específicos de aprendizagem para cada discente.

Nessa direção, Damázio (2007) relata que o atendimento educacional especializado deve acontecer prioritariamente todos os dias, em horários opostos ao da sala de aula regular, para que seja acompanhado o desenvolvimento dos conteúdos na sala regular e proporcione aos discentes surdos um aprendizado dos conteúdos da mesma forma em língua de sinais.

3. Caminhos metodológicos trilhados

A pesquisa foi realizada numa escola pública estadual, localizada no interior de Pernambuco, na zona urbana. Este estudo quanto à abordagem foi qualitativo, de natureza descritiva e estudo de campo. Para tanto, utilizamos a abordagem qualitativa por entender que esta possibilita a compreensão dos significados e permite ao pesquisador realizar interpretações. Gamboa (2003, p. 399) afirma que:

Quando se fala de pesquisa qualitativa, refere-se à coleta e tratamento de informações sem uso de análise estatística, a instrumentos como entrevistas abertas, relatos, depoimentos, documentos que não fecha a interpretação num único sentido (paráfrase), mas permite o jogo de sentidos (polissemia).

Neste sentido, o pesquisador ao realizar uma pesquisa qualitativa, precisará buscar compreender o que encontrou no campo de pesquisa, assumindo, assim, uma postura política e comprometida com o contexto encontrado.

A pesquisa descritiva tem como característica descrever o fenômeno. De acordo com Gil (2008, p. 28), “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

O estudo de campo proporciona ao pesquisador o contato direto com os sujeitos e o campo da pesquisa. Deste modo, Gonsalves (2011, p. 69) esclarece:

Denomina-se pesquisa de campo o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Para tanto, no campo da pesquisa fomos ao encontro dos sujeitos e realizamos entrevistas com um aluno surdo, chamado Silvioⁱⁱ, uma aluna surda, chamada Sara e uma professora ouvinte que atuava no AEE chamada Paloma. Este campo de pesquisa foi escolhido por ter uma sala de recursos multifuncionais que oferece o AEE para estudantes surdos.

As entrevistas dos estudantes surdos foram realizadas em vídeo, tendo em vista a Libras que é uma língua viso-espacial. Já a entrevista da professora foi feita através da gravação em áudio. Após a realização das entrevistas elegemos as categorias que emergiram das falas dos sujeitos, as quais se encontram nas análises e discussões dos resultados a seguir.

4. Análise e discussão dos resultados

Apresentaremos a seguir a análise dos dados obtidos nas entrevistas com os estudantes surdos Silvio e Sara e com a professora do AEE Paloma. Estes se encontram organizados em categorias.

Dizeres de estudantes surdos e professora sobre o atendimento educacional especializado para surdos

Categoria 1 - Planejamento dos Atendimentos para Estudantes Surdos

Na atividade pedagógica, pressupõe-se a existência de uma intencionalidade de ensinar. Podemos dizer que o ato de ensinar resulta de um processo de mediação entre o professor, o aluno e os conhecimentos a serem trabalhados e produzidos. Seguindo esta lógica, podemos dizer que o professor se encontra numa posição de mediação entre o aluno e o conhecimento científico e que o papel do educador é justamente buscar instrumentos para que o aluno consiga compreender, assimilar e se aproximar cada vez mais do conhecimento científico.

A docente do AEE, Paloma, ressalta que elabora, para cada aluno, um planejamento, considerando as necessidades individuais dos alunos surdos para aprender a língua portuguesa.

A aula é planejada diante da necessidade de aprender o português, Sou professora, no caso de português ou até de matemática diante da dificuldade da sala de aula. Claro, às vezes eu planejo uma coisa, mas às vezes não sai como a gente quer e a gente tem que ter criatividade para ter um plano B para que trabalhe aquilo (PALOMA).

Na fala de Paloma, vemos que ela trabalha, além da língua portuguesa na modalidade escrita, também matemática com os estudantes surdos conforme a dificuldade de cada um. Paloma é uma docente inovadora e criativa, pois quando planeja as suas aulas ou a aula não sai como ela quer, usa a criatividade e muda o planejamento para que o estudante surdo tenha um aprendizado mais significativo.

Em consonância com esse entendimento, Corazza (1997, p. 107) ensina que a prática referente ao planejamento de ensino deve ser desenvolvida pelo docente:

As formas como a produção cultural se organizam e se constituem também no espaço da educação escolarizada e, com efeito destas análises, desenvolvem estratégias políticas alternativas, dentre as quais a de planejar o ensino em outra direção e com outras significações.

O planejamento, quando bem elaborado pelo docente, traz uma dimensão favorável para o aprendizado do estudante surdo, que vai desenvolvendo habilidades referentes aos conteúdos em que tinham dificuldades. Observamos no depoimento dela que, ao mesmo tempo em que usa libras num vídeo, ela ensina a temática de juros em Libras.

Categoria 2 - Recursos e Metodologias Utilizadas na Prática do AEE

Nessa categoria, Paloma relata que utiliza diversos recursos metodológicos: “Os recursos que estiverem disponíveis. Já usei celular, uso computador, uso papelão, papel o que tiver a minha disposição e o que for necessário naquela aula eu uso”. A docente ainda dá uma explanação sobre como faz o atendimento na sala de AEE com os estudantes surdos e cita que trabalhou um texto com imagens para que estes estudantes construam pequenas frases em português. A intenção era verificar a percepção dos alunos diante do texto abordado.

Numa das primeiras aulas que trabalhei com Sara, eu estava trabalhando, aqui, um texto com frases pequenas para ela entender as frases que ela estava falando. Eram imagens para depois fazer uma frase sobre as imagens de sequência. Tinham três imagens e, naquela imagem sequenciada, ela ia trabalhar. (PALOMA)

Como ressaltam Gonçalves e Festa (2013, p. 8), “cabe ao professor utilizar de estratégias como: aplicar metodologias de ensino; usufruir de recursos diferenciados e formas de avaliação adequadas, de maneira a tentar diminuir a desigualdade e valorizar a diversidade”. Desse modo, quando o docente realiza as atividades de forma dinâmica e flexível, suas metodologias deixam os surdos mais à vontade, pois começam realmente a compreender o que o docente está transmitindo, o que oportuniza a inclusão dos estudantes surdos na escola comum.

Não apenas Paloma, mas também os alunos surdos pesquisados relatam que, durante o atendimento, a tecnologia e a internet se tornaram aliadas para Paloma, pois com a internet ela trabalha não apenas a pesquisa de imagens das frases estudadas, mas também realiza atividades através do aplicativo *WhatsApp*, sendo este utilizado por ela para trocar mensagens com os surdos através da escrita em português. A esse respeito, a professora Paloma declara: “[...] Em todas as atividades, a participação é ativa, eu uso muito a internet, pois eles estão também muito vidrados na questão de *whatsapp*, de mandar mensagem e de receber mensagem”.

Com isso, Paloma trabalha sua metodologia de uma forma diferenciada. E a forma de trabalhar com os estudantes surdos é a aplicação de uma metodologia na ótica viso-espacial

Dizeres de estudantes surdos e professora sobre o atendimento educacional especializado para surdos

com a utilização de imagens, Libras e recursos tecnológicos e materiais adaptados disponíveis na sala de AEE.

Então, nesta atividade, eu fui para internet e pedi para ela (Sara) escrever e pesquisar imagens com aquele nome, aí tinha a menina, maçã. A gente colocou as imagens no texto que ela escreveu depois que foi embora. Eu imprimi e na semana seguinte, com o tempo depois, eu botei aquele texto que ela tinha feito e colocado a imagem para que ela fizesse o sinal em Libras. Então, eu trabalho com recurso que eu tenho agora naquela história, partindo das imagens. A metodologia é esta. Eu parto da imagem ou da própria conversa em Libras, mas nunca vamos dizer que eu uso a imagem geradora. Eles, os surdos, que vão gerar a imagem da atividade seguinte. É aquela atividade que foi trabalhada antes que ela vai ser trabalhada no dia seguinte, de forma diferente. (PALOMA)

Para Vaz (2012, p. 30), os recursos tecnológicos são:

Ainda, uma alternativa de comunicação e aprendizagem. Oferecer essa possibilidade de usufruir novas oportunidades de interação maior e melhor contribui também para que sejam mais participativos na sociedade. O uso do computador e da internet abriu novas possibilidades de comunicação principalmente por serem tecnologias visualmente acessíveis, o que é atraente para o surdo.

Os recursos tecnológicos potencializam a comunicação com os estudantes surdos e é o método de ensino e aprendizagem eficaz para os surdos, pois viabiliza o ensino de diversos conteúdos aplicados na sala de aula e desenvolve a participação e interação com a sociedade.

Vale ressaltar que a docente que atua no AEE utiliza metodologias criativas, baseadas em experiências do cotidiano que auxiliam na aprendizagem mais direcionada da segunda língua dos surdos, que é a língua portuguesa.

Categoria 3- Participação Ativa dos Alunos Surdos Durante a Realização do AEE

Nesta categoria, destacamos as falas dos estudantes surdos: Sara e Silvio. Ele e ela enfatizaram os seus horários de atendimento.

Eu venho à tarde, 13h30min, para o AEE. Quinta-feira à tarde e volto de 15h30min. (SARA)

Eu vinha na sexta de manhã, mas em setembro a professora mudou para quarta, pois na sexta-feira tinha muito feriado. [...] Meu horário é das 8 horas às 10 horas. (SILVIO)

Com relação à disponibilidade de tempo para o atendimento na sala de AEE, Ropoli et al. (2010, p. 22) afirmam que:

[...] há alunos que frequentarão o AEE mais vezes na semana e outros, menos. Não existe um roteiro, um guia, uma fórmula de atendimento previamente indicada e, assim sendo, cada aluno terá um tipo de recurso a ser utilizado, uma duração de atendimento.

As narrativas deixam evidentes que não tem um roteiro fixo para o tempo de atendimento na sala de recursos multifuncionais. Este roteiro é estabelecido de acordo com a disponibilidade da sala e com o quantitativo de estudantes que a frequentam. Percebemos que a condição de trabalho na sala de AEE, de certa forma, não contribui plenamente para que aconteça uma colaboração mais ativa entre o ensino comum e a educação especial. É preciso ressaltar que o profissional do AEE tem o propósito de dar um subsídio ao docente da sala comum, que necessita deste apoio por ter na sua sala de aula estudantes que tenham algum tipo de deficiência.

Nesse sentido, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva informa que:

O atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos estudantes, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos estudantes com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela (BRASIL, 2008, p. 16).

O apoio do AEE visa implantar formas que organize o ambiente escolar na perspectiva inclusiva, com o foco na acessibilidade e na eliminação de obstáculos que venham comprometer a vida social e cognitiva do estudante com necessidades educacionais especiais. Assim, o AEE visa entrelaçar os caminhos para a participação do estudante surdo no processo ensino-aprendizagem.

Dizeres de estudantes surdos e professora sobre o atendimento educacional especializado para surdos

Categoria 4 - Contribuições do AEE para a Aprendizagem dos Estudantes Surdos

Esta categoria discute as contribuições do AEE para a aprendizagem das pessoas surdas segundo a ótica da professora Paloma.

Paloma relata que os estudantes surdos estão mais à vontade por causa do subsídio do AEE. Vemos que ela tem um trabalho dinâmico relacionado com um aplicativo da rede social – *WhatsApp* – que a maioria da sociedade utiliza como meio de comunicação.

Os surdos, meus alunos, eu acho que eles estão, mais assim, à vontade. Tem um mês que ele, a todo o momento, perguntava o que significa aquela palavra e uma que, ele está com o contato muito grande com WhatsApp. Como eu falei, então eles, a todo o momento, pergunta o que é isso? O que é aquilo? Ai, às vezes, em português tem a questão de masculino e feminino. Que na hora de escrever ele tem dificuldade. A flexão verbal eles também têm muita dificuldade nesta questão, mas eles estão muito atentos. (PALOMA)

Silva (2017, p. 14346) entende que, através de recursos tecnológicos:

[...] associados à Internet, como o software social *Facebook*, o *WhatsApp* e outros, os surdos têm interagido com grupos de pessoas que constituem as comunidades surdas por meio de chamadas de vídeos, postagens escritas em Língua Portuguesa e em vídeos gravados. Utilizando esses recursos, as pessoas se relacionam, comunicam-se, adicionam amigos, trocam mensagens, participam de comunidades e de grupos com temas diversos, compartilham informações e imagens pessoais, estando em contato em tempo real, se assim optarem, por meio de smartphones, notebooks e computadores; ressaltando que tais ferramentas são de fácil acesso e gratuitas.

Na experiência da professora Paloma, o aplicativo *whatsapp* é o preferido pelos alunos surdos e tem conquistado cada vez mais os grupos dos surdos, pois se trata de um aplicativo de fácil utilização para comunicação entre surdos e destes com os ouvintes. O aplicativo tem a opção de vídeo chamadas, facilitando a comunicação através da Libras, mas também o utilizam para enviar mensagens para grupos de ouvintes, desenvolvendo, assim, a sua segunda língua e facilitando o processo de interação social.

Paloma usa o *WhatsApp* como um método de ensino para a língua portuguesa na modalidade escrita para os estudantes surdos, trabalhando a gramática, o gênero e a flexão verbal, os quais se destacam como conteúdos da língua portuguesa que oferecem grandes dificuldades aos alunos surdos.

Ao relatar a socialização dos estudantes surdos, Paloma diz que o AEE vem contribuindo, pois melhorou a aprendizagem deles: “Eles já estão bem desenrolados, participando das atividades, principalmente quando vão responder. Eles vão colocar (lindo ou linda) em alguém na foto e vai ter que saber se é lindo ou linda, pois não querem mais botar errado”. (PALOMA)

Segundo Paloma, o progresso dos alunos é visível, chegando ao ponto de a mãe de Sara compartilhar com a docente que percebeu os avanços de sua filha.

Eles (alunos surdos) estão bem conscientes, assim, e eu estou achando que a socialização deles... do início do ano para cá andou bastante, avançou bastante. Estão desenrolados, estão participando mais. A mãe de uma aluna disse que a filha estava anotando as palavras em casa e estava falando em Libras. Anotando no caderno e notou a diferença na aluna, ela estava falando sobre isso. (PALOMA)

Paloma deixa bem claro que não é só o AEE que vem contribuindo para aprendizagem e inclusão dos estudantes surdos, mas o subsídio da escola como um todo. Ela entende que a sala de AEE é apenas mais um recurso.

De acordo com Lima e Carneiro (2016, p. 6):

O profissional da sala de AEE deve introduzir práticas inovadoras e o planejamento deve ser feito de forma colaborativa juntamente com o professor da sala regular; devem ser desenvolvidos meios que consigam introduzir todos, inclusive a família do aluno. Portanto, o AEE é de suma importância na escola comum, pois irá ajudar os alunos portadores de NEE a evoluírem positivamente, ajudando no desenvolvimento do trabalho do professor.

Nesse sentido, quando o docente da sala de AEE, da sala regular, a família e escola trabalham juntas, desenvolvem no planejamento práticas inovadoras para que o estudante com certa limitação possa evoluir cognitivamente e socialmente.

Considerações finais

Diante do exposto é possível considerar que o AEE para estudantes surdos é realizado na escola pesquisada através de metodologias e atividades que buscam atender os referidos estudantes. São desenvolvidas nos atendimentos atividades de Língua Portuguesa, matemática, Libras e utiliza imagens, como também a tecnologia através do aplicativo do *whatsapp* para trabalhar conteúdos e interações. Pudemos compreender que

Dizeres de estudantes surdos e professora sobre o atendimento educacional especializado para surdos

o planejamento é feito considerando a diferença surda e os recursos foram aplicados tendo por base elementos visuais, favorecendo a aprendizagem do estudante surdo.

Por outro lado, os achados da presente pesquisa apontam que é preciso aprofundar o ensino e a aprendizagem da Libras no AEE, atendendo aos dois momentos didático-pedagógicos: o AEE para o ensino de Libras e o AEE em Libras.

Quanto à participação dos surdos no AEE, percebe-se que eles participam através das atividades, o que indica que são dadas oportunidades de aprendizagens para eles, possibilitando a construção do conhecimento e conferindo mais protagonismo aos surdos nesse processo.

Neste contexto de inclusão e de aprendizagem, as tecnologias educacionais são importantes aliadas neste processo, pois possibilita o contato com textos escritos, com a Libras, e diferentes conteúdos da Língua Portuguesa de forma lúdica e interativa. Para tanto, o investimento nesta área é de suma importância para a educação, e em especial para a educação das pessoas surdas.

Referências

ALMEIDA, Wolney Gomes. (Org). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, 197 p. Disponível em: <http://books.Scielo.org/id/m6fcj/09>. Acesso em: 18 fev. 2021.

ALVEZ, Carla Barbosa; FERREIRA, Josimário de Paula; DAMÁZIO, Mirlene Macedo. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: abordagem Bilíngue na Escolarização das Pessoas com Surdez**. Brasília: MEC/SEESP/UFC, 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 4/2009, de 2 outubro de 2009. Institui **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica**- modalidade Educação Especial. Diário Oficial da União, Brasília- DF, Seção 1. p. 17.

BRASIL. Ministério da Educação. Inclusão. **Revista da Educação Especial**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Secretaria de Educação Especial, v. 04. n 05. Brasília: SEESP, 2008.

BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso: 22 fev. 2021.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 16 fev. 2021.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 16 fev. 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. Planejamento de ensino como estratégia de política cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. (Org.). **Currículo: Questões atuais**. Campinas: Papyrus, 1997. p.103-143.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos. **Revista contrapontos**, n.3, p. 393-405, set-dez, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Humberto Bueno; FESTA, Priscila Soares Vidal. Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. **Ensaios pedagógicos**, Curitiba, n. 6, dez, 2013.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5. ed. Campinas: Alínea, 2011.

LIMA, Ananeri Vieira de; CARNEIRO, Ana Paula Lima. **A importância da sala de Atendimento Educacional Especializado – AEE**. In: II CINTEDI, Campina Grande-PB. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA6_ID4216_23102016232252.pdf. Acesso em: 11 fev. 2021.

ROPOLI, Edilene Aparecida. et al. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2010.

SILVA, Rosane Aparecida Favoreto da. As tecnologias e a língua portuguesa escrita na educação de surdos. In: XIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - Educere, 2017, Curitiba-PR, Anais: <https://educere.pucpr.br/p1/anais.html?ipo=&titulo=&edicao=&autor=Rosanev+ Aparecida+Favoreto+da+Silva&area==>. Curitiba – PR, p. 14339-14352. Acesso em: 16 fev. 2021.

VAZ, Vagner Machado. **O Uso da Tecnologia na Educação do Surdo na Escola Regular**, 45 f. Monografia (Curso Tecnólogo em Processamento de Dados). Faculdade de tecnologia de São Paulo, São Paulo – SP, 2012.

Nota

ⁱ Apesar de parecer ser um texto de referência teórica, na verdade é um documento institucional do MEC.

ⁱⁱ Escolhemos para os sujeitos da pesquisa nomes fictícios com a finalidade de manter o anonimato.

*Dizeres de estudantes surdos e professora sobre o atendimento educacional
especializado para surdos*

Sobre os autores

Fernando Rodrigues Tavares

Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Professor pela Prefeitura Municipal de São José dos Ramos. E-mail: fertg@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2097-0106>

Zoraide Santos Vieira

Doutora em Memória: Linguagem e sociedade. Professora na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: zoraide@uesb.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0797-0061>

Recebido em: 19/03/2021

Aceito para publicação em: 24/04/2021